**A AULA REALIZADA POR UMA PROFESSORA DE ESCOLA PÚBLICA DE MACEIÓ/AL.**

Wanessa Lopes de Melo\*

waneslm@yahoo.com.br

**RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo apreender os sentidos e significados que uma professora atribui a sua atividade em uma escola pública de periferia em Maceió/AL e de que modo tais significações constituem o seu estilo profissional em sala de aula, tendo as categorias da Psicologia Sócio Histórica e da Clínica da Atividade como arcabouços teóricos e metodológicos. As categorias da Psicologia Sócio Histórica e da Clínica da Atividade foram trazidas, nessa pesquisa, para analisar o trabalho docente e possibilitaram perceber a singularidade nos modos de fazer, nas maneiras de agir da professora em sala de aula. Os instrumentos utilizados na produção de dados foram inspirados no dispositivo metodológico desenvolvido pela Clínica da Atividade – a autoconfrontação simples. As autoconfrontações simples possibilitaram compreender as mediações que constituem o seu estilo profissional como professora de escola pública e de periferia e nos aproximaram dos sentidos constituidos por ela acerca da atividade docente.

**Palavras-chave:** Atividade docente - Formação de Professor - Subjetividade.

**1 INTRODUÇÃO**

Nessa pesquisa escolhemos estudar como as condições concretas de realização da atividade constituem/afetam a professora, tendo as categorias da Psicologia Sócio Histórica e a Clínica da Atividade como arcabouços teóricos e metodológicos.

Clot (2007; 2010), compreende que a atividade é determinada pelas prescrições, as normas. Entretanto, nem sempre as prescrições dão conta do imprevisível que acontece no momento da realização da atividade. O inesperado convoca a professora a tomar decisões que não estão presentes na prescrição da atividade, e muitas vezes a sua história pessoal e os valores que a constituem são diferentes e até contrários, aos valores expressos ou exigidos pela prescrição, pelo métier. Para Clot, a atividade vai além do que foi realizado; “a atividade subtraída, ocultada ou recuada nem por isso está ausente, mas influi, com todo o seu peso, na atividade presente” (CLOT, 2010, p.104). Dessa forma, não podemos excluir as atividades suspensas, contrariadas ou impedidas da análise da atividade. A atividade realizada pela professora é apenas uma possibilidade diante de tantas outras possíveis.

Nesse sentido, entendemos que a atividade de trabalho nunca é o que está prescrito, pois no momento da realização acontece a ressignificação do prescrito. Explicando com outras palavras, há um movimento contínuo e ininterrupto de refazer da ação do trabalhador diante das normas prescritas e reguladoras para atividade, pois como a prescrição antecede a atividade não tem como ela prever os imprevistos. Dessa forma, é necessário que o trabalhador utilize o seu poder de agir para ressignificar a atividade prescrita. A atividade é sempre e necessariamente um encontro entre o prescrito e o real, e nesse encontro acontece a ressignificação do prescrito diante do que é possível realizar.

A ressignificação da atividade, é realizada por um sujeito que é único e singular, que é social e histórico. O sujeito ressignifica a atividade a partir de sua subjetividade histórica, que tem como elementos constitutivos a memória do coletivo profissional, e a história da profissão. Assim, a professora ao realizar sua atividade se depara com as condições de realização da atividade, marcadas por traços culturais e sociais.

Essa definição de atividade nos desafia a conhecer a atividade docente no lugar e no momento em que acontece, para, assim, apontar seus aspectos singulares no âmbito das profissões e reconhecer aspectos comuns ao ofício docente. Essa prescrição comum a um coletivo de trabalhadores é chamada por Clot (2007; 2010) de *gênero profissional.* Os gêneros seriam uma espécie de norma social, da qual fazem parte aqueles que participam de um mesmo campo de atividade humana. Ou seja, são modos adequados de agir, reagir, dizer, obrigações, prescrições que os trabalhadores dão a si mesmo.

Inscrito no gênero, há o *estilo pessoal,* que garante uma singularização da atividade, uma variabilidade e flexibilidade. Mas isto só é possível quando há o domínio do gênero por parte do trabalhador. “Os gêneros conservam-se vivos graças às recriações estilísticas. Mas, inversamente, o não domínio do gênero e de suas ações variantes impede a elaboração do estilo” (SOUZA-E-SILVA, 2004, p.98).

De acordo com Clot (2007; 2010), para manter o gênero vivo, é preciso cultivar a história coletiva da profissão. Ele considera que o abandono do coletivo de trabalho e a diminuição do poder de agir na realização da atividade, tem como efeito o aumento da incidência de acidentes e patologias relacionadas ao trabalho.

As pesquisas voltadas para a análise da profissão docente[[1]](#footnote-1) mostram as condições precárias que as professoras estão submetidas, e a ineficácia ou até mesmo a inexistência do trabalho coletivo nas escolas, revelam ainda que as professoras são responsabilizadas individualmente pelos “fracassos” ou “sucessos” dos alunos, principalmente nas avaliações realizadas pelos estados e municípios. Dessa forma, não enfrentar os problemas coletivamente é algo reccorrente na profissão docente, é uma prática que se estabiliza como gênero profissional, contribuindo para enfraquecer o gênero da profissão.

Dessa forma, compreendemos que a atividade docente se realiza em um espaço/tempo específico, em um contexto, uma história. No caso estudado por essa pesquisa, envolvendo uma sala de aula de uma escola pública de Maceió/AL. O lugar que concentra a maior parte do exercício da atividade docente é a sala de aula. É nesse espaço que se realizam os processos de aprendizagem e de ensino como uma prática social.

A atividade docente é construída a partir de um conjunto de histórias que se interpenetram: a história da educação e da profissão; a história das conquistas dos docentes em relação ao Estado; a história da escola e do saber que nela circula; e a história das professoras que “agem, pensam, sentem, vivem, e isso no interior e no exterior do trabalho, na totalidade dos seus espaços, dos seus tempos e das suas relações sociais” (ARROYO, 2008, p. 199).

Os professores são sujeitos culturais, históricos e, nesta condição, trabalhadores, vinculados a contextos e condições sociais e econômicas específicas, desenvolvendo, dessa forma, modos de ser professor diferenciados, tendo um modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de dirigir-se aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos. Deste modo, o nosso interesse está no trabalhador como sujeito da atividade, pois é ele que significa a atividade, faz escolhas na micro organização cotidiana da sua atividade. Diante disto, algumas indagações emergem quando pensamos sobre a constituição da atividade docente que reflete a problemática central desta pesquisa: que sentidos e significados uma professora atribui a sua atividade em uma escola pública de periferia em Maceió/AL e de que mo do tais significações (sentido e significado) constituem o seu estilo profissional em sala de aula?

Para pensar essas questões, inspirados na Clínica da Atividade, realizamos um trabalho de análise da atividade via autoconfrontação junto a uma professora das séries iniciais do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Maceió/AL. Nosso objetivo é apreender os sentidos e significados que a professora atribui sobre ser professora de uma escola publica de periferia em Maceió/AL e de que modo tais significações (sentido e significado) constituem e expressam o seu estilo profissional em sala de aula.

Como já dissemos, os instrumentos utilizados na produção de dados deste trabalho são inspirados nos dispositivos metodológicos desenvolvidos pela Clínica da Atividade – autoconfrontação. Também fizemos uso da história de vida, pois a própria proposta de Clot (2006) considera que é essencial compreender a história pessoal, a formação, os projetos de vida e o modo como a professora se relaciona com o mundo e com as pessoas em geral, pois afetam e constituem o real da atividade.

**2 A PESQUISA: A MONTAGEM DOS EPISÓDIOS: VIDEOGRAVAÇÕES**

Tendo como base os pressupostos teóricos metodológicos da Psicologia Sócio Histórica e da Clínica da Atividade, convidamos uma professora das séries iniciais do Ensino Fundamental, pertencente à rede pública municipal de Maceió, para participar dessa pesquisa. Ao decidir participar dessa pesquisa ela concordou em ser filmada durante a realização da sua atividade e também discutir sua atividade nas sessões de autoconfrontação – momento da pesquisa que a professora assiste e comenta os episódios, onde ela aparece como protagonista.

A análise da atividade inicia no momento da montagem dos episódios. A seleção das cenas realizada pelo pesquisador, compõe o episódio a ser discutido na autoconfrontação simples; ao realizar a seleção das imagens o pesquisador já está analisando. De forma resumida, o episódio é um filme com sequências de imagens relacionadas com um tema a ser discutido; são cenas escolhidas pelo pesquisador para serem assistidas pelo sujeito da pesquisa na sessão de autoconfrontação simples.

O período de permanência na escola realizando as observações e as videogravações possibilitou conhecer melhor as condições concretas para realização da atividade que a professora estava inserida, além de compreender a rotina dessa instituição e os rituais realizados pela professora.

Depois de assistir às 14 aulas videogravadas, escolhemos duas aulas para serem analisadas na autoconfrontação simples. Uma aula de geografia e uma aula de português. Apenas algumas cenas dessas aulas foram selecionadas e editadas, o que resultou na montagem de quatro episódios para a autoconfrontação simples. Os episódios foram denominados: ***“Aula de Geografia 1: explicação”***, com duração de 09 minutos e 2 segundos; ***“Aula de Geografia 2: correção da atividade do livro didático”***, com duração de 5 minutos e 20 segundos; ***“Aula de Português: entrevista”***, com duração de 06 minutos e 3 segundos; ***“Aula de Português: correção da atividade do livro”.***

**3 MEDIAÇÕES QUE CONSTITUEM A ATIVIDADE DOCENTE**

Vários outras analises teriam sido possíveis, dada a complexidade da atividade docente. O que se apresenta aqui é a leitura feita pela pesquisadora, do lugar específico que ocupa e da leitura que foi possível ser feita desse processo. Chegamos a esta analise a partir das leituras e releituras do material empírico (transcrição da autoconfrontação simples), do intenso trabalho de construção de dados, das análises preliminares realizadas no diálogo com a problemática de pesquisa.

A análise construída aqui está articulada por meio de alguns conteúdos temáticos que dizem respeito às dificuldades, impedimentos e possibilidades vividos/sentidos pela professora na atividade docente, particularmente sobre o modo como a atividade docente é mediada pelos recursos disponíveis. Acreditamos que as condições concretas, objetivas de trabalho são mediações que determinam a atividade realizada.

As seguintes questões aparecem na fala da professora: 1. A falta de material escolar, de livro didático e a estrutura física da escola: problemas enfrentados pela professora na realização da sua atividade; 2. O livro didático como principal recurso para realização da aula; 3. O planejamento realizado por rodízio: prescrição para a atividade do grupo de professoras do 4º ano; 4. A falta de apoio da SEMED; 5. A presença da violência na vida dos alunos.

Na autoconfrontação simples a professora ao analisar sua atividade vai se dando conta de outras maneiras possíveis de realiza-las e dos impedimentos que a falta de condições objetivas impõe a sua atividade.

Mas nessa época a gente não tinha nada de material na escola pra fazer. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

[...] a gente tava na reclamação muito grande com relação a material. Então a gente não conseguia ter muito o que fazer por não ter um material, não ter instrumento mais dinâmico com os meninos. Então a gente se detinha muito aos livros. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

A falta de recurso didático, objetivado na fala da professora, como material escolar, é um dilema vivido não apenas pela professora Lara, e pela escola *locus* desta pesquisa. Outras pesquisas[[2]](#footnote-2) realizadas em escolas na rede municipal de Maceió/AL mostram essa dura realidade vivida pelas professoras que atuam nessa rede. As professoras lidam com essa realidade diariamente, são dilemas que aparecem inscritos e se evidenciam no cotidiano da atividade docente.

As escolas públicas no Brasil e particularmente na rede pública municipal de Maceió/AL não possuem grandes investimentos. O sucateamento dos prédios e do ensino é notório aparece em diversas pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas. Os recursos didáticos disponíveis na maior parte das escolas é unicamente o livro didático, giz/pincel e quadro.

A escola tava suja, os banheiros tavam horríveis, a merenda não tava uma merenda de tanta qualidade... tinha merenda, mas não era tão boa assim. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

A escola tava com falta de funcionário de limpeza, eu lembro, na época a escola tava suja... E tava passando por muitas dificuldades. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

[...] a escola tava passando por problemas muito sérios de verba mesmo, né? Que tava vindo pouco. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

A proposta pedagógica das secretarias de educação, através dos cursos de formação continuada, muitas vezes relaciona a qualidade do ensino, e o baixo desempenho nas avaliações como sendo um problema que a professora resolve com métodos e técnicas “inovadoras”, devendo apenas ser “bem” aplicadas pelas professoras, sem que se leve em conta necessariamente, as condições da escola, e os recursos disponíveis para realização da atividade docente.

Estudar a atividade docente sem levar em conta as condições concretas postas para a profissão docente é partilhar da ideia que a mídia e as políticas difundem na sociedade, de que “basta” um bom professor para manter a qualidade do ensino no nosso país. É responsabilizar unicamente a professora pelos resultados da educação.

Diante disso, a professora é convocada, nas formações continuadas, a assumir no seu trabalho o pragmatismo e o utilitarismo como características (VIEIRA, 2010). Nas últimas décadas, as políticas oficiais estabelecidas para as docentes têm um caráter altamente prescritivo, e as avaliações que estão articuladas a essas políticas vêm desempenhando um mecanismo de controle sobre a atividade docente. Segundo Vieira (2010), “trata-se de um controle interpelador que atinge o professorando, ferindo sua autonomia e sua capacidade de concepção, afetando também sua integridade física e emocional, com efeitos, inclusive, sobre a identidade do professorado” (p. 2).

Ressaltamos, mais uma vez, que a professoras das escolas públicas de Ensino Fundamental dos anos iniciais do Brasil vêm sofrendo muitas críticas desfavoráveis quanto ao seu desempenho profissional, especialmente desde a última década do século XX. As significações atribuídas às professoras pelo poder público é de passividade, negligência e incompetência técnica. Essas significações são reforçadas pela mídia, e que não levam em consideração as condições precárias de trabalho, que estão postas na maioria das escolas públicas. Associado a isso, estão os baixos salários, que força a professora a enfrentar uma dupla ou tripla jornada de trabalho (LELIS, 2009).

A utilização de recursos didáticos se torna indispensável, quando uma professora quer tornar sua aula mais dinâmica e atrativa. Além disso, os recursos didáticos facilitam o aprendizado, pois eles funcionam como uma ponte entre o conteúdo a ser aprendido e o aluno.

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nessa pesquisa, consideramos que o profissional docente é constituído na efetivação da sua atividade, na realização da sua prática, com os alunos, com as demandas sociais exigidas da escola, expressando-se em modos próprios de ser e atuar como docente.

Para Tardif e Lessard (2008), é a professora que, numa sala de aula ao realizar sua atividade, determina se os objetivos foram alcançados realmente, e também é ela quem decide em qual momento deve passar para outro objetivo, mesmo que algumas vezes o objetivo precedente não tenha sido alcançado, devido ao tempo ou por outra razão qualquer. Dessa forma, entendemos que a autoconfrontação simples possibilita à professora retornar e repensar a atividade realizada, fazendo ponderações do que realizou e do que deixou de realizar; do que poderia ter realizado ou deixado de realizar.

Entretanto, é preciso enfatizar que o que foi possível de realizar é a atividade que venceu entre muitas possibilidades de realização (CLOT, 2007). Não podemos esquecer que o espaço onde a professora faz as escolhas é no trabalho, na escola, na sala de aula, e que isso acontece o tempo todo. Dessa forma, analisando a sua atividade via autoconfrontação simples, a professora Lara diz o que mudaria na aula.

Eu acho que eu errei na hora da leitura. Podia ter feito leitura coletiva, mas eu não fiz a leitura coletiva porque eles conversam muito, aí ficam muito soltos, aí eu prefiro individual, mas eu podia, porque já ajudava muito mais, todo mundo tinha muita dificuldade. (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Eu podia ter ido pro quadro e ter tirado a dúvida dele e todo mundo poderia escutar, porque poderia ser uma dúvida de todo mundo, mas eu não fiz isso, eu fui no livro dele explicar exclusivamente para ele... (Autoconfrontação Simples – Professora Lara, 2016)

Olhar para a atividade de trabalho da professora Lara implicou em olharmos para o que essa professora realiza cotidianamente, para os valores e saberes que circulam em sua atividade, para a forma como sua atividade é determinada, pelas prescrições que são significadas no encontro, sempre singular, com variabilidades inscritas nas situações reais de trabalho.

Podemos concluir que o estilo se constitui no encontro dos conflitos que agitam as duas memórias da atividade: a memória coletiva e a memória individual. Ao ensinar, as professoras apropriam-se dos artefatos sociais, materiais e simbólicos, a sua disposição no coletivo de trabalho. Entretanto, esses artefatos (o gênero profissional) são significados pelas professoras para que possam resolver os conflitos existentes na situação concreta de trabalho, surgem assim, diferentes maneiras de agir (o estilo pessoal), de realizar o seu trabalho a cada dia. É o gênero profissional e o estilo pessoal de cada um que constitui a atividade real.

**5 REFERÊNCIAS:**

ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre:** imagens e auto-imagens. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CLOT, Y . **A Função Psicológica do Trabalho.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_\_. A Psicologia do Trabalho na França e a Perspectiva da Clínica da Atividade. **Fractual: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 207-234, jan./abr., 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v22n1/v22n1a15.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2010.

CLOT, Y. et al. Entrevista: Yves Clot. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho,** São Paulo, v. 9, n. 2, p. 99-107, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25969/27700>. Acesso em: 30 maio 2015.

LELIS, I. A Construção Social da Profissão Docente no Brasil: uma rede de histórias. In: TARDIF, M.; LESSARD, C. (Orgs.). **O Ofício de Professor:** histórias, perspectivas e desafios internacionais. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.54-56.

SOUZA E SILVA, M. C. Quais as Contribuições da Linguística Aplicada para Análise do Trabalho. In: FIGUEIREDO, M. et al (Org.). **Labirintos do trabalho:** interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004. p.188-213.

 TARDIF, M.; LESSARD, C. **O Trabalho Docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Rio de Janeiro, Vozes: 2008.

VIEIRA, J. S. Constituição das Doenças da Docência (Docenças). In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPED, 33., 2010. **Anais…** Caxambu, MG, 2010.

1. OLIVEIRA, Dalila. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. Educação e Sociedade, Campinas/SP, V. 25, n° 89, 2004. [↑](#footnote-ref-1)
2. ARAÚJO, 2015; VIEIRA, 2011; ROSÁRIO, 2012; MELO, 2012. [↑](#footnote-ref-2)